

MULHER – AMADURECEU JOGAMOS FORA? – UM CONVITE À LEITURA DA OBRA *DONA* DE LUCIENE CARVALHO

Adriana Lins Precioso¹
Giselli Liliani Martins²

Resumo:

A sociedade contemporânea revela uma busca incansável pela juventude, na verdade, essa valorização pelo “novo” não é de hoje, há milênios louva-se o “frescor” da vida, principalmente quando ele está na representação do belo na figura feminina. Poetas, escritores, cantores, pintores, escultores ao longo do tempo cantaram a juventude da mulher jovem, contudo, a mulher atual mudou, ela vive mais e vive melhor, todavia a sua representação na sociedade ainda não a alcançou de forma plena e, muitas vezes, não abrange suas lutas e conquistas na atualidade. Para discutir um pouco sobre a efetiva representação dessa mulher madura, que fica entre a jovem e a velha, usaremos os poemas “As invisíveis”, “Colágeno”, “Ela e o bar” e “Dona Maria” da obra *Dona* (2018) de Luciene Carvalho, com o objetivo de trazer o protagonismo dessa mulher nessa nova fase, nessa nova mulher, nesse novo tempo. A construção do arcabouço teórico deste percurso contará principalmente com Zolin (2009), Bosi (2000) e Bolen (2005).

Palavras-chave: Imagem da mulher madura; literatura de autoria feminina; literatura produzida em Mato Grosso.

WOMAN - WHEN IT MATURES DO WE PLAY OUT? - AN INVITATION TO READ THE WORK *DONA* BY LUCIENE CARVALHO

Abstract:

Contemporary society reveals a tireless search for youth, in fact, this appreciation for the “new” is not new, for millennia the “freshness” of life has been praised, especially when it is in the representation of the beautiful in the female figure. Poets, writers, singers, painters, sculptors over time sang the youth of the young woman, however, the current woman has changed, she lives longer and lives better, however her representation in society has not yet fully reached her, and many sometimes it doesn't cover your struggles and achievements today. To discuss a little about the effective representation of this mature woman, who is between the young and the old, we will use the poems “As invisíveis”, “Collagen”, “Ela e o bar” and “Dona Maria” from the work *Dona* (2018) by Luciene Carvalho, with the objective of bringing the protagonism of this woman in this new phase, in this new woman, in this new time. The construction of the theoretical framework of this route will mainly rely on Zolin (2009), Bosi (2000) and Bolen (2005).

Keywords: Image of the mature woman; female authored literature; literature produced in Mato Grosso.

¹ Professora Doutora, do Programa de Pós Graduação em Letras, PPGLETRAS, pertencente a FAEL – Faculdade de Educação e Linguagem da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus de Sinop. E-mail: adrianaprecioso@unemat.br

² Graduada em Direito e Letras, Discente do PPGLETRAS-SINOP. E-mail: advocacia.glm@gmail.com

MUJER - MADURA ¿HEMOS JUGADO? - UNA INVITACIÓN A LEER LA OBRA DONA DE LUCIENE CARVALHO

Resumen:

La sociedad contemporánea revela una búsqueda incesante de la juventud, de hecho, esta apreciación por lo "nuevo" no es nueva, durante milenios se ha alabado la "frescura" de la vida, especialmente cuando se trata de la representación de lo bello en la figura femenina. Los poetas, escritores, cantantes, pintores, escultores con el tiempo cantaron la juventud de la joven, sin embargo, la mujer actual ha cambiado, vive más y vive mejor, sin embargo, su representación en la sociedad aún no la ha alcanzado por completo, y muchos a veces no cubren tus luchas y logros hoy. Para discutir un poco sobre la representación efectiva de esta mujer madura, que se encuentra entre los jóvenes y los viejos, usaremos los poemas "Lo invisible", "Colágeno", "Ella y el bar" y "Dona Maria" de la obra Dona (2018) por Luciene Carvalho, con el objetivo de traer el protagonismo de esta mujer en esta nueva fase, en esta nueva mujer, en este nuevo tiempo. La construcción del marco teórico de esta ruta dependerá principalmente de Zolin (2009), Bosi (2000) y Bolen (2005).

Palabras clave: Imagen de la mujer madura; literatura de autor femenina; literatura producida en Mato Grosso.

Introdução

A sociedade ocidental carrega como marca de sua História oficial um forte apego aos valores do patriarcado, os quais tem início antes de Cristo e tem se perpetuado há mais de dois mil anos. O que de fato isso significa? Significa que existe a manutenção de um sistema no qual o homem branco adulto heterossexual cristão é o centro do poder primário e do domínio sobre as esferas sociais, políticas, econômicas e culturais. Todos aqueles que não se encaixam neste único padrão dominador, ou seja, todo o restante da população: as mulheres, as crianças, os negros, os homossexuais, as diferentes etnias, por se configurarem como o “diferente”, devem se submeter às ordens e aos valores deste sujeito modelo.

O sistema patriarcal subjuga o diferente a si e a História da Humanidade revela que as inúmeras “conquistas”, principalmente territoriais, são frutos de um processo violento para “colonizar” espaços selvagens e trazer a “salvação” para povos “perdidos”, como foi o caso da América Latina e vários países da África, tal como aconteceu na Roma Antiga, é possível, assim reconhecer um padrão de comportamento e um conjunto de valores associados a essas histórias.

E a mulher em todo este cenário? Onde ela estava? Bem, a História nos conta que a mulher fazia parte deste contexto como o diferente, sua atuação era designada apenas ao espaço doméstico e familiar, sendo incumbida de cumprir as tarefas de organizadora do lar e mantenedora da ordem para a sobrevivência da família ou servindo como objeto de prazer para a manutenção do desejo masculino. O papel da mulher nesse processo histórico é marcado pelo sistema de opressão patriarcal, uma vez que, nesse sistema, as “[...] mulheres são dadas em casamento, ganhas nas batalhas trocadas por favores, enviadas como tributos, comercializadas, compradas e vendidas [...]” (RUBIN, 1993, p. 10). Sendo assim, o olhar patriarcal sobre a mulher fez com que ela se configurasse apenas como “objeto” e não como um indivíduo, sujeito de suas vontades próprias e autônomo.

Outro valor soma-se a questão que coloca a mulher enquanto objeto: sua idade. A beleza da mulher, louvada por artistas de diferentes expressões ao longo dos séculos, direciona-se a um tipo específico de mulher, a jovem, “na flor da idade” é uma expressão que se ouve para designar este modelo digno de ser louvado. A fase da mulher “pré-mãe” ou “mãe jovem” compõe o limite de representação da mulher ideal, ainda que considerada objeto, para orquestrar o deleite patriarcal do belo feminino que se deseja ou que se deve desejar.

Bem, os tempos mudaram... será? Em quais proporções? A sociedade patriarcal contemporânea ainda na luta para manter este sistema no qual a mulher possui limites de ação e domínio de si. Contudo, a História Oficial mostra que as mulheres vêm se organizando ao longo do tempo e criaram os movimentos feministas que tiveram sua gênese marcada em meados do século XIX e seu auge no século XX. O propósito desse movimento é reivindicar a emancipação da mulher e o direito à igualdade político-social entre os gêneros, considerando justo que a mulher tenha direito ao voto, “à educação, à licença-maternidade, à prática de esportes, à igualdade de remuneração para função igual etc.” (ZOLIN, 2009, p. 220).

A força do movimento feminista surge do desejo de encorajar as mulheres a mudarem a sua situação no mundo, ocupando os espaços sociais, científicos, políticos e todos os outros que lhes foram negados ao longo de dois milênios. Vale ressaltar que depois do seu surgimento, houve e ainda há inúmeros desdobramentos, como o movimento das mulheres negras, das homossexuais, das trans e outros. Com um pouco mais de um século, ainda há um longo percurso a ser conquistado.

Desse modo, ao colocar ainda a mulher como “objeto” e “jovem” em evidência, haveria espaço para louvar a “mulher madura”? Jean Shinoda Bolen formaliza uma possível resposta: “Em um patriarcado orientado especialmente para a juventude, tornar-se uma mulher mais velha é se tornar invisível; uma entidade sem existência.” (2005, p. 14).

A História moldou a forma de representação feminina em um único modelo, a mulher jovem; dificultando o desvio do olhar para ver beleza da mulher madura. Todavia, na atualidade, observamos os avanços científicos, tecnológicos e até mesmo estéticos que estão tirando essa mulher de 50 anos ou mais da superfície limitada da anciã improdutiva para o local da mulher ainda cheia de desejos, produtiva, transformadora e bela. Destarte, após essa explanação, encontra-se o objetivo deste artigo, discutir a representação da mulher madura na obra *Dona* (2018) de Luciene Carvalho, como forma de resistência e militância pelo viés da arte poética, com o propósito de revelar os dramas, as delícias e a existência da mulher de 50 anos ou mais, enfrentando os desafios impostos pela sociedade ainda patriarcal contemporânea.

1 Breve resumo da mulher na Literatura

O cânone literário reproduz os valores da sociedade patriarcal logo e falocêntrica. A inserção da crítica feminista só aparece por volta dos anos de 1970, dentro do contexto de lutas do movimento feminista. Só a partir dessa data, emerge uma “nova” tradição e a literatura feminina, que passou milênios sendo ignorada, hoje busca ser reconhecida por sua qualidade estética textual e não julgada apenas pelos valores acima apresentados.

A invisibilidade histórica da mulher no mundo da escrita enquanto produtora de literatura e também como crítica literária simplesmente equivale ao mesmo processo de exclusão por ela sofrida nas outras áreas da sociedade, da ciência e da tecnologia. A luta da literatura de autoria feminina “é promover a visibilidade da mulher como produtora de um discurso que ser quer novo, um discurso dissonante em relação àquele arraigado milenarmente na consciência e no inconsciente coletivo, inserindo-a na historiografia literária.” (ZOLIN, 2009, p. 388)

Lúcia Osana Zolin (2009) apresenta o percurso pelo qual a literatura de autoria feminina passa a ser considerada no Brasil. Segundo a pesquisadora, apenas no ano de 1950, a escritora Júlia Lopes de Almeida aparece na organização da obra *A história da literatura brasileira*, de Lúcia Miguel Pereira. Nos anos anteriores, há publicações isoladas de mulheres escritoras, contudo, na virada dos anos 70 e 80, Rachel de Queiroz e Cecília Meireles passam a ser reconhecidas no país conjuntamente com a grande influência trazida pelo reconhecimento da produção de Clarice Lispector. Zolin (2009, p. 329) continua:

Inserida nesse contexto de mudanças, a literatura brasileira agrega a si “outras” vozes. Na trilha de Clarice Lispector, surgem as hoje imortais da Academia Brasileira de Letras Lúcia Fagundes Telles, e Nélide Pinon, seguidas de muitas outras escritoras reconhecidas, como Lya Luft, Adélia Prado, Hilda Hilst, Patrícia Bins, Sônia Coutinho, Zulmira Tavares, Márcia Denser, Marina Colasanti, Helena Parente Cunha, Judith Grossman e Patrícia Melo, para citarmos apenas algumas.

O universo da produção ficcional no Brasil ganha textos de autoria feminina que trazem “personagens femininas conscientes do estado de dependência e submissão a que a ideologia patriarcal relegou a mulher”. (ZOLIN, 2009, p. 329). Todo este processo tem consonância com a literatura produzida em Mato Grosso e é na contemporaneidade que se evidencia o surgimento da literatura de autoria feminina.

2. Luciene Carvalho: a voz da mulher madura

O cenário atual de produção literária em Mato Grosso caminha em consonância com os valores estéticos desenvolvidos no cenário nacional e seu histórico reproduz os mesmos ideais, como um microcosmo cultural, social e político. Evidencia-se uma forte produção artística com raízes acadêmicas, mas, não somente. Deste modo, a grande maioria dos poetas e prosadores do estado são profissionais ligados as diferentes áreas do ensino superior ou atuam em áreas que exigem erudição, tal como o Direito e a Medicina. Em Mato Grosso, vozes femininas começaram a despontar timidamente por volta dos anos 80. A grande produção de literatura de autoria feminina veio na virada do século XXI, em convergência com os avanços conquistados pelas lutas feministas ao redor do mundo e que também chegam ao interior do Brasil.

Nomes como Lucinda Persona, Marilza Ribeiro, Marli Walker, Divanize Carbonieri e Marta Cocco são as vozes mais emergentes nessa nova geração de literatura de autoria feminina produzida em Mato Grosso. Luciene Carvalho faz parte dessa geração, seu destaque está na profissão, a qual ela anuncia em suas palestras e performances: “Minha profissão é ser poeta”. Luciene Carvalho é a primeira mulher negra a ocupar a cadeira de número 31 da Academia Mato-grossense de Letras de Cuiabá, tendo tomado posse no dia 14 de agosto de 2015.

Luciene Josefa Carvalho nasceu em Corumbá-MS, porém vive em Cuiabá-MT, desde 1974. Sua estreia no campo das letras escritas se dá com a obra *Devaneios poéticos* (1994), depois temos a publicação de *Teia* (2001), *Caderno de Caligrafia* (2003), *Porto* (2005), *Conta-gotas* (2007), *Sumo da lascívia* (2007), *Cururu e Siriri do Rio Abaixo* (2007), *Insânia* (2009), *Ladra de flores* (2012) e *Dona* (2018). De forma geral, podemos afirmar que o universo poético de Luciene Carvalho perpassa os recantos mais escondidos e indesejados do ser humano e em particular, do ser feminino: a periferia, o espaço do rio, a loucura, o devaneio, o escandalosamente proibido e desejado, a força e a fúria, a crítica social e o corpo negro feminino, enfim, tudo isso cabe no olhar perspicaz da poeta que se insere como protagonista de sua história, das mulheres e locais que a circundam.

A obra escolhida para este trabalho de análise está na seleção de quatro poemas da obra *Dona* (2018). Nessa obra, Luciene Carvalho celebra a consciência e o desafio de ser uma mulher negra, poeta e que alcança seus 50 anos de idade. A chegada dos 50 anos, para qualquer mulher na atualidade, pode parecer assustador, Jean Shinoda Bolen (2005, p. 13) sintetiza algumas possibilidades para este momento:

Ao chegar aos cinquenta, a maioria das mulheres que conheço está comemorando ao invés de procurar negar a própria idade. Chegar aos cinquenta pode ter sido, para suas mães, uma marca de descida da montanha, porém para elas é um dia para se estourar um champanhe. Chegar aos cinquenta inspira reuniões de amigas que alcançaram este limiar juntas, no mesmo ano. É tempo de festança para umas e de rituais e retiros para outras. A maioria das mulheres de cinquenta anos está também celebrando sua juventude física e de sentimentos. Mesmo assim, existe sempre um desconforto perante a ideia de envelhecer.

Celebração e angústia parecem ser as duas facetas desta nova etapa de uma mulher que se encontra nos 50 anos. Mais dramático e incisivo é a chegada nessa idade para mulheres negras, muito mais marginalizadas que as mulheres brancas. Este momento particular da vida implica uma série de reflexões e ações para essa faixa etária. A invisibilidade social é uma das maiores barreiras por elas vivenciada. A mulher que completa 50 anos agora, em 2020, não é o mesmo tipo de mulher que completou 50 anos há 30 anos; inúmeros avanços científicos, tecnológicos, sociais e culturais são produtores de quase uma distinção para essa faixa de mulheres. A figura da anciã de 50 anos do passado encontra hoje uma mulher ainda considerada muito jovem, com saúde, casada ou solteira, cheia de sonhos e possibilidades de realizá-los, muito diferente da mulher de um passado até bem recente.

Em *Dona*, Luciene Carvalho, sintetiza bem este fenômeno, os ganhos e as perdas decorrentes dessa chegada tão emblemática na vida de uma mulher. A obra tem 63 poemas distribuídos em 5 sessões: 1) Espelho: 12 poemas; 2) Caixa de Pandora: 15 poemas; 3) Chave: 13 poemas; 4) Semáforo: 16 poemas e 5) Mandala: 7 poemas. Existe uma estrutura sintagmática que organiza os poemas em consonância com o eixo paradigmático que a compõe, estabelecida em cada sessão anunciada. Vale ressaltar que a obra tem uma temática muito mais rica e vigorosa, já apresentada em cada sessão e que merece um estudo mais específico para o alcance dos seus múltiplos sentidos, contudo, nossa escolha, tem como foco alguns desdobramentos que surgem com a chegada dessa mulher aos 50 anos. Para início, selecionamos o poema abaixo:

As Invisíveis

Tenho olhado,
olhado muito as mulheres de cinquenta,
de quase cinquenta,
de cinquenta e poucos,
de cinquenta de muitos.
Tenho colocado em pauta
essas mulheres como assunto.
Vejo-as nos ônibus...
Atravessando ruas...
Comprando em lojas...
Estranho o quanto elas são invisíveis
para o mundo,
para os olhares,
E me pergunto:
O que elas são?
O que elas sentem?
Não são velhas
e já não são jovens;
são uma espécie de canteiro
entre uma e outra pista?
Talvez exista juventude nelas,
talvez a velha já pese em seus passos...
Faço dessas fêmeas tema dos meus versos,
porque os meus passos vão andar com elas. (2018, p. 19)

A voz do eu-lírico primeiro observa um tipo específico de mulher: “de quase cinquenta/de cinquenta e poucos/de cinquenta e muitos” como descritos nos 5º, 6º e 7º versos, há uma intensidade nesse olhar por meio do advérbio “muito”, presente no 2º verso. Os espaços urbanos compõem o cenário de observação: ônibus, rua, lojas, ou seja, elas ocupam os diferentes lugares no “mundo” atual. Contudo, o eu-lírico, apesar de vê-las ocupando todos esses lugares, estranha o quanto “elas são invisíveis”; o mundo e os olhares não as veem, não

as valorizam, fingem que elas não existem. Daí, o título do poema “As Invisíveis”, tal como Bolen já nos revelou anteriormente. As perguntas do eu-lírico tentam diminuir essa ausência: “o que elas são/o que elas sentem?” – nos versos 15º e 16º, lhes conferindo uma espécie de existência e incômodo.

O dilema atual deste tipo de mulher se coloca nos versos 17º e 18º: “não são velhas / e já não são jovens” e nos versos 21º e 22º “talvez exista juventude nelas / talvez a velha já pese em seus passos...”; e na tentativa de explicar este entremeio, o eu-lírico cria a metáfora que traz em sua imagem, uma espécie de avenida e a coloca no “canteiro” – “entre uma pista e outra?” – será possível assim ilustrar? A voz do eu-lírico justifica a sua escolha, a direção precisa do seu olhar para algo que não se vê, há nesse movimento, uma identificação em um tom melancólico que encerra o poema: “Faço dessas fêmeas tema dos meus versos, / porque os meus passos vão andar com elas.”

O ritmo do poema está em “reproduzir esse ritmo frásico” (BOSI, 2000, p. 91). A liberdade do verso livre e polirrítmico é umas das marcas do poema contemporâneo que já aparecia na poesia moderna, tal como propõe Bosi (2000, p. 90). O tom de uma conversa ou de uma confissão marcam esse poema e a escolha de palavras do universo coloquial auxiliam nesse processo de aproximação do leitor e de um cotidiano tão atual.

Mário Cezar Silva Leite, na primeira orelha, já sinaliza ao comentar sobre a obra: “Uma invisibilidade que denuncia a estatura de quem chegou aos cinquenta, mulher ainda, em totalidade cambiante.” (2018) e complementa:

[e] se vê culpada quando se vê como velha como se ela cometesse um erro que por culpa exclusiva dela a maldição se desse. Entretanto, o que vem à tona, por essa Dona, e de tudo talvez o mais importante dessa poética de existir com e após os cinquenta anos, é que há já marcas nas mãos, mas as mãos fazem poesia!

Esta, de fato, é uma das tônicas mais importantes da obra, em seus questionamentos e na sua força, a mulher de 50 anos, suas vivências, angústias, alegrias e dores. Inovação e rebeldia são configurados na tessitura temática na qual toda a estrutura da obra se organiza. Em tom confessional e um tanto autobiográfico, ao falar de si, a poeta atinge a todos e todas, principalmente a essa faixa etária de mulheres que se encontra na mesma encruzilhada da vida.

Na segunda sessão denominada “Caixa de Pandora”, foi selecionado o poema abaixo:

Colágeno

Tanto que o tempo tá seco,
puta que pariu!!!
Como que a pele
não fica puro ruga
num regaço desse?
jogo água nas plantas,
mas a secura é tanta
que a pele da cara
Repuxa.
Para, meu!!!
Planta,
planta soja,
planta algodão,
planta arroz.
Os caras ficam ricos,
arregaçam com o mato grosso
que a gente tinha
e minha cara que paga o veneno.

Aí meu homem
fala: “É esse seu cigarro!”
- pelo escarro,
a porra do cigarro
fez seu estrago,
mas o cigarro é nada
perto desse inferno de queimada.
E cadê a garoa de são João?
E cadê a chuva do caju?
E minha cara?
Vou entrar com processo,
solicitar indenização;
fuderam com meu colágeno...
Isso é crime ecológico,
assédio moral;
minha cara é meu cartão-postal.
Vou repor a umidade
passando em minha cara
a água rara
Com um pouco de óleo mineral. (2018, p. 39-40)

O título do poema remete a “uma das proteínas mais importantes para o corpo humano, pois exerce uma série de funções estruturais, como a sustentação de órgãos e ossos, união das células, fortalecimento dos tendões e manutenção da pele saudável³”, denominada colágeno. Popularmente, existem inúmeras propagandas sobre rejuvenescimento facial que

³ Disponível em: <https://nutricaoesteticabrasil.com.br/colageno-verisol-vhita/#:~:text=O%20col%C3%A1geno%20%C3%A9%20uma%20das,e%20manuten%C3%A7%C3%A3o%20da%20pele%20saud%C3%A1vel>. Acesso em: 23 jul. 2020.

indicam a inserção ou ingestão dessa proteína de diferentes formas, para parecer mais jovem e saudável.

Outra informação importante para o entendimento do poema é que, situado no espaço do Mato Grosso, o eu-lírico reclama do período da seca, época que neste estado ocupa severamente os meses de junho, julho e agosto. O ciclo sazonal em Mato Grosso desconhece o período de inverno, ele se distingue dos demais pelo período de grande estiagem sofrida por toda a população que anseia pela chegada das chuvas a partir de setembro. Diferentemente de outros lugares do Brasil, em Mato Grosso, o ciclo sazonal se divide em duas fases: chuva e seca, sendo os meses de seca com início em março até agosto e o de chuvas de setembro até fevereiro.

Sendo assim, a reclamação do eu-lírico parece ecoar como reflexo de sentimento de toda a sociedade, tal como observamos nos primeiros versos: “tanto que o tempo tá seco / puta que pariu!!!” – o tom bastante coloquial se instaura por meio do verbo “tá” e pelo palavrão que soa como um desabafo de indignação. O eu-lírico indica a falta de água em si mesma, utilizando a pele como metonímia e se questiona nos próximos versos: “Como que a pele / não fica puro ruga / num regaço desse?” A preocupação está no resultado da falta de chuvas e na baixa umidade relativa do ar que faz com que a pele se encha de rugas que chega até a repuxar. As ações de jogar água nas plantas e no final de poema de usar água e óleo mineral estão relacionadas com a tentativa de minimizar os efeitos danosos da falta de água. Outro efeito apontado pelo eu-lírico é indicar que essa situação se caracteriza como um “regaço” – palavra popular que longe do seu significado em dicionário, quer dizer algo ruim, mal feito, avacalhado.

Contudo, de acordo com o eu-lírico, há culpados para este fenômeno para além das questões do ciclo sazonal, são os “caras ricos” de Mato Grosso, o que eles fazem? “Planta soja planta algodão/planta arroz”, ou seja, os grandes produtores rurais do estado, pois eles “arregaçam com o mato grosso” e o “veneno” usado nas lavouras está também na secura por eles provocada. A manutenção do lucro para um pequeno grupo de empresários e fazendeiros se dá à custa do veneno utilizado para garantir a excelência na safra e na produção, contudo, a população em geral e o meio ambiente sofrem com as alterações no ciclo sazonal, também vivenciados na própria pele, tal como denuncia o eu-lírico.

Há uma advertência para o eu-lírico feminino, uma vez que o seu homem fala que a culpa é do cigarro, tal como observamos nos primeiros versos da segunda estrofe. Sendo assim, o eu-lírico afirma que o cigarro já fez seu estrago e ele se concentra no “escarro” que ele produz, colocando limites na ação dele sobre si e questiona que “ele não é nada / perto

desse inferno de queimada. / E cadê a garoa de são João? / e cadê a chuva do caju? /”- bem, é preciso salientar que, apesar da enorme estiagem deste período, há duas chuvas que marcam este período quase como um alívio para toda a população e elas acontecem ou aconteciam nas datas indicadas no poema, na festa de São João e a “famosa chuva do Caju” que ocorre quando o choque térmico entre as frentes frias que vem do sul do país, se encontram com as altas temperaturas do estado provocando chuvas rápidas e volumosas, esse fenômeno é importantíssimo para que o cajueiro consiga produzir seus frutos.

A indignação do eu-lírico vai para além desses acontecimentos ambientais, ele ainda pergunta: “E minha cara?” – “Minha cara é meu cartão-postal”. Vale ressaltar que, com o passar dos anos, as mulheres perdem gradativamente o efeito do colágeno no rosto e no resto do corpo, essa perda fica evidente com o surgimento de rugas e na flacidez das diferentes partes do corpo, denunciando de antemão, a idade e a camada social a qual a mulher pertence. Assim, seu descontentamento e indignação com os fatos narrados no poema indicam que o eu-lírico se revolta e deseja protestar: “vou entrar com processo / solicitar indenização; / fuderam com meu colágeno... / isso é crime ecológico, assédio moral;”. Desses protestos surge o título do poema, o palavrão usado no 13º verso da segunda estrofe, representa parte de um resultado global que está individualizado no eu-lírico pela metonímia da pele e, ao mesmo tempo, de forma coletiva, pela ausência de chuva nas plantas e nas datas específicas mencionadas anteriormente, colocando tudo no mesmo pacote de “crime ecológico” cometido pelos “caras ricos de mato grosso”.

O terceiro poema também se encontra na sessão “Caixa de Pandora”:

Dona Maria

Dona Maria
acorda, faz o café,
arruma o pão,
gruda o bucho no fogão;
faz chá,
depois cozinha o feijão.
Corta o alho,
a cebola,
enrola a couve,
corta a folha bem fininho,
Refoga.
Afoga os sonhos
no ensopado de acém,
Alface ela lava bem
com a pouca água que tem.
Do arroz tira três medidas...
Bastante arroz

parece muita comida.
Do almoço, sobra panela,
claro que sobra para ela.

Lava louça
e começa a ver novela.
Liga o tanquinho,
enfia roupa,
vai escutando a novela
e começa a fazer sopa.
Esse é seu dia.
Mudança, se tem, é pouca:
uma ida no postinho,
num domingo escapa um vinho.
Dona Maria
não tem carta de alforria.
Tem marido, filho, neto,
tem o cocho e tem o teto,
tem o nome
e tem azia. (2018, p. 63-4)

Nesse poema, o eu-lírico apenas observa e narra o dia da “Dona Maria”, mulher que dá título ao texto. O mais interessante nesse poema é a tessitura das ações que acaba por representar uma enorme parcela das mulheres a partir dos 50 anos e que pertencem às camadas mais populares da sociedade brasileira. Para além das ações, a escolha do nome “Maria” reforça essa popularidade e este sentimento de resignação que esse nome porta ao se relacionar com o nome e a representação da mãe de Cristo, àquela que tudo suportou, sendo assim, arquetipicamente, esse sentimento se revela na escolha do nome Maria.

Em meio às ações normais de uma dona de casa, como milhares neste Brasil afora, preparar o café e o pão, logo cedo, ela “gruda o bucho no fogão” e de lá só terá o intervalo após o almoço e no final da noite. O signo do patriarcado atinge mulheres como a “Dona Maria” que “afoga os sonhos / no ensopado de acém”. Contudo, esse signo lhe dá algumas garantias de vida, tal como são reveladas nos últimos versos da segunda estrofe: “Tem marido, filho, neto/tem cocho e tem o teto, / tem o nome” – são valores que surgem como uma espécie de segurança para as mulheres sem escolaridade.

Os afazeres domésticos são todos dela, “Do almoço, sobra panela/claro que sobra pra ela.” – nesse jogo rítmico: “sobra panela/sobra pra ela” – o toque de sarcasmo vem com a inserção do adjetivo “claro”, reforçando a ideia difundida pelo patriarcado que cabe apenas a mulher cuidar das coisas da casa. A popularidade de Dona Maria também se encontra no objeto que ela utiliza, como o “tanquinho”, por exemplo, e na “novela” que ela apenas

“escuta”, pois não pode se sentar para assistir devido aos inúmeros serviços que a ela são atribuídos durante o dia.

O eu-lírico declara que “Mudança, se tem, é pouca: /uma ida no postinho, /num domingo escapa um vinho.” Mais um jogo rítmico e aqui ele revela dois universos distintos, o “postinho” que, na verdade, é o Posto de Saúde, local muito procurado pelas camadas populares quando não se encontram bem de saúde; já o “vinho”, está no lado oposto, indicando um momento de alegria, de relaxamento e satisfação. Contudo, esses momentos são caracterizados como exceção, uma vez que “Dona Maria/não tem carta de alforria”, ou seja, ela não tem liberdade, vive uma rotina extenuante, com pouquíssimos privilégios e o resultado de tudo isso, está no último verso: “e tem azia.” – forma que o corpo de Dona Maria encontrou para acusar sua insatisfação de forma silenciada.

O último poema selecionado também está na sessão “Caixa de Pandora”:

Ela e o bar

Ela está sempre sentada
no mesmo bar
mesma mesa
mesma cadeira
cabelos presos
roupa composta.

De uma ou outra maneira
ela consegue manter
o corpo ereto.

Me cumprimenta
Com um aceno de cabeça
quando passo na calçada
do outro lado da rua
sem pressa.

As mãos levam o copo
de cerveja aos lábios.

Notícia de filho
notícia de netos
ninguém mora perto
só ela e a cerveja.

O lábio beija
o copo com volúpia.

Dizem que em feriadões
ou dia de pagamento
abate um parceiro de copo
leva pra casa
se enleia com o corpo.

Dois dias depois

É ela e a mesa

O bar e a cerveja. (2018, p. 59)

O título do poema sugere um espaço pouco convencional para uma mulher ocupar: o bar, ressalta-se na convenção, o local não designado para a presença da mulher, ainda mais, desacompanhada. As forças patriarcais delimitam quais são os locais que uma mulher possa vir a circular. Sendo assim, já no título têm-se a provocação e a ruptura. Outro elemento nada convencional é a mulher tomar cerveja. Na nossa cultura, a cerveja é uma bebida popular que atinge todas as camadas sociais e está maciçamente vinculada à imagem masculina; são dezenas de propagandas nos outdoors, nas propagandas de revistas e televisivas, além das novas mídias de propaganda na internet. Nessas propagandas, a mulher aparece como objeto a ser consumido junto com a cerveja, tal como a publicidade abaixo da Cerveja Itaipava⁴:



Essa propaganda circulou em diversas formas de mídia no ano de 2016 e foi alvo de inúmeros protestos por colocar a mulher no mesmo nível de consumo que a cerveja. Para além disso, nas propagandas televisivas dessa cerveja, a mulher surge como garçonete, exibindo-a com pouquíssimas falas, suggestionando que a mulher não tem espaço de fala naquele ambiente. Nessa publicidade específica, o corpo da modelo é exibido em um biquíni bem pequeno e na linguagem escrita sugere-se que o homem pode escolher entre os mililitros

⁴ Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/mercado/2016/10/1825432-marcas-de-cerveja-se-distanciam-do-estereotipo-da-mulher-de-biquini.shtml>

da cerveja ou dos seios siliconados, objetificando a mulher ali representada. Outra questão a que se aplica neste texto é: toda a mulher considerada por uma sociedade machista e patriarcal deve ser apenas assim? Há uma única forma de se existir sendo mulher? Todas as mulheres precisam se render a este estereótipo e quando envelhecer, amadureceu joga fora?

Neste poema, o eu-lírico anuncia a presença de uma mulher que pode representar tantas outras, “me cumprimenta/com um aceno de cabeça/quando passo na calçada”, sim, eles se conhecem e a voz do poema a observa: “ela está sempre sentada/no mesmo bar/mesma mesa/mesma cadeira/cabelos presos/roupa composta.” Existe uma continuidade, uma repetição dessa ação de estar no bar por essa mulher.

O que chama a atenção do eu lírico nem é tanto o fato dela estar no bar, mas sim a sua relação de prazer com a cerveja: “as mãos levam o copo/de cerveja aos lábios.”; e depois: “O lábio beija/o copo com volúpia.” Há um certo erotismo inusitado nessa descrição. A mulher tem sua vida, “notícia de filho/notícia de netos / ninguém mora perto/só ela e a cerveja.” É estabelecida uma relação de encontro, cumplicidade, afinidade, desejo entre a mulher e a cerveja. Ainda no campo do desejo, o eu-lírico anuncia que outras pessoas também observam a mulher, a utilização do verbo dizer na terceira pessoa do plural com sujeito indefinido evoca uma generalização típica de espaços de bairro pequeno: “Dizem que em feriados/ou dia de pagamento/abate um parceiro de copo/leva pra casa/se enleia com o corpo.” Dona do próprio dinheiro e do próprio espaço, essa mulher não é passiva, é ela quem “abate” o homem e o leva para casa e se satisfaz com o corpo dele, é ela quem escolhe, quem está no comando da sua vida e das suas escolhas, tão diferente da proposta que a propaganda traz e dos valores machistas e patriarcais nela associados.

A manutenção do desejo dessa mulher observada pelo eu-lírico se dá na medida em que ela faz suas próprias escolhas e em dias especiais, como visto anteriormente, ela sai da rotina como melhor lhe convém. Contudo, “Dois dias depois/é ela e a mesa/o bar e a cerveja.” Sendo assim, contrariando a lógica patriarcal para mulheres de 50 anos, “ela” rompe com todas as expectativas que se impõem as mulheres na sua faixa etária e tão tristemente evidenciado no poema anterior “Dona Maria”. Sim, “ela” representa poucas mulheres que angariaram a sua liberdade e a sua independência, estabelecendo novas relações de prazer e modo de existir e se comportar no mundo. Existem na atualidade mais “Donas Marias” do que “Ela[s] no bar”, infelizmente. Todavia, Bolen (2005, p. 14) salienta: “Longe de ser uma entidade sem existência e brilho próprio, é exatamente na terceira fase que a possibilidade de se definir melhor e se tornar uma pessoa mais singular se manifesta.”

Ao considerarmos o tom coloquial e narrativo impregnado neste e nos demais poemas, retomamos um conceito de Bosi: “A distância que medeia entre a palavra e a coisa é, de fato, constitutiva do signo, está inscrita desde sempre na língua, que é filha da falta e do desejo, e não da plenitude e da unidade, amantes do êxtase e do silêncio.” (2000, p. 76)

Fortemente marcada pela classe social que ocupa, sua profissão e suas escolhas, as mulheres desses poemas representam de forma singular toda uma geração de mulheres que chegaram aos 50 anos de idade e enfrentam os dilemas de viver bem na sociedade atual.

Considerações finais

O percurso do nosso texto buscou evidenciar que foi por meio de muitas lutas que as mulheres conseguiram chegar a um espaço dentro da produção de literatura no Brasil e depois no Mato Grosso, tal como foi o processo em outras áreas do saber. O gosto limitado pelos ideais do patriarcado em relação às mulheres, ao longo da História, as colocou como objeto de desejo ou trabalhadoras domésticas por séculos. A negligência sobre a vida das mulheres só sofreu ameaças depois de dois mil anos e com muita luta e organização dos novos movimentos feministas.

Dentro deste panorama, a voz da mulher negra inserida no espaço de produção artística e literária é extremamente recente. Em Mato Grosso, contamos com a presença de Luciene Carvalho, reconhecida pelos seus pares como merecedora da cadeira que ocupa na Academia Mato-Grossense de Letras; espaço de um certo prestígio, mas também de reconhecimento de um trabalho e uma atividade de excelência no fazer de poetas o mundo, as mulheres e o Mato Grosso.

Na obra *Dona*, Luciene Carvalho atualiza o perfil da mulher que chega aos 50 anos de idade, evidencia sua contribuição para o cenário que este tipo de mulher ocupa na atualidade como urgente, providencial e provocador, como toda a obra dessa poeta. A poética de Carvalho contribuiu para a discussão desse novo espaço, dessa nova mulher, dessa nova literatura e nos coloca, nós leitores, em êxtase e sede de... quero mais

Referências

BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher madura**: arquétipos das mulheres com mais de 50. Tradução de Helena Heloísa Wanderley Ribeiro. São Paulo: TRIOM, 2005.

BOSI, Alfredo. **O ser e o temo da poesia**. São Paulo. Companhia das Letras: 2000.

CARVALHO, Luciene. **Dona**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2018.

MOURAIS, Guilherme Augusto Louzada Ferreira de. **A representação do modelo de herói clássico na personagem feminina Katniss Everdeen, de “Jogos vorazes”**. São José do Rio Preto: 2018. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018.

RUBIN, G. **O tráfico de mulheres**: Notas sobre a “Economia política” do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.

ZOLIN, Lúcia Osana. “Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thomas. ZOLIN, ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. Maringá: Eduem, 2009.

Webgrafia:

<https://m.folha.uol.com.br/mercado/2016/10/1825432-marcas-de-cerveja-se-distanciam-do-estereotipo-da-mulher-de-biquini.shtml> - Visitado em 23/07/2020.

<https://nutricaoesteticabrasil.com.br/colageno-verisol-vhita/#:~:text=O%20col%C3%A1geno%20%C3%A9%20uma%20das,e%20manuten%C3%A7%C3%A3o%20da%20pele%20saud%C3%A1vel.> - Visitado em 23/07/2020.